

CBD0282 - Formas, Estados e Processos da Cultura na Atualidade

Prof. Martin Grossmann

Beatriz Alves Corrêa Nº USP: 7165852

Relato Crítico II – Seminário Bernardo Sorj

O presente relato refere-se ao seminário organizado pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), contando com a mediação do sociólogo Bernardo Sorj e com a presença de Danilo Martuccelli (especialista em sociologia do homem contemporâneo), Maria Alice Rezende de Carvalho (PUC-RJ) e Vera da Silva Teles (socióloga e docente da USP).

O seminário, nomeado de "O Indivíduo e o Espaço Público", buscou tratar das seguintes questões: como o indivíduo vive hoje seu lugar no espaço público e na política? Que aspirações, esperanças e frustrações gera a vida moderna? Como os indivíduos negociam as pressões sociais? Que novas formas de dominação cultural gerou a cultura ocidental contemporânea?

No momento de abertura do evento, o professor Martin Grossman fez a apresentação dos convidados e menciona o objetivo de gerar um intercâmbio de ideias com relação à tentativa de entendimento do ambiente acadêmico de mudanças que estão acontecendo dentro da universidade. Grossman também faz uma colocação muito interessante, dizendo que a modernidade é uma planta baixa para a tentativa de entender o contemporâneo.

Após a palavra inicial, Bernardo Sorj, o mediador, passa a palavra para o primeiro palestrante, Danilo Martuccelli, cujo objetivo é discutir de que maneira os indivíduos vivem a relação com o espaço público, com a política e a vida social. Martuccelli apresenta sua hipótese central de que os suportes de sentido individual não representam mais os suportes de sentido coletivo. O sociólogo também afirma que o amor se converteu no foco do sentido da vida para os atores sociais e ele apresenta três pontos em que se baseou a explicação de sua hipótese: o primeiro é demonstrar porque e como o amor se tornou um sentido tão forte na vida das pessoas, em segundo mostrar as tensões que surgem quando o amor se torna um sentido de vida e

por fim, e mais importante, apresentar os desafios que a posição central do amor na vida de tantos atores da modernidade trouxe para a coesão social.

Martuccelli baseia suas colocações em duas afirmações. A primeira diz que o amor é um ideal e a segunda que o amor é uma promessa de felicidade. Ao afirmar que o amor é um ideal, o sociólogo pretende demonstrar que é um sentimento que possui uma carga de valor muito alta. É algo que dá sentido e promove uma transcendência do homem com relação a sua vida cotidiana. Já ao dizer que o amor é promessa de felicidade, ele pretende dizer que para muitos de nossos contemporâneos, sem amor a vida não tem sentido. A felicidade é algo que, reflexivamente ou espontaneamente, os indivíduos relacionam com suas relações pessoais.

O pensador também diz que vivemos em uma sociedade em que as indústrias culturais se apropriaram do amor e colocaram uma visão encantada no sentimento, tornando-o o horizonte central dos momentos de intensidade afetiva mais fortes dos sujeitos. Essa pressão é ainda mais intensificada pelo fato de a revolução moderna introduzir uma exigência de felicidade e realização pessoal que marca os tempos modernos.

Martuccelli acredita que existem três grandes pilares que dão sentido à vida coletiva: Deus, política e trabalho. Deus representa o indivíduo crente, que possui um suporte de vida tanto coletivo como individual. É importante notar que não é possível dizer que a sociologia da modernização introduziu termos como secularização (transferência da aura da religião para o Estado) e desencantamento (ideia de que entidades invisíveis não operam mais de maneira ordinária e cotidiana na vida social) ou que acredite em uma queda de práticas religiosas.

Muitos indivíduos encontram na relação com a divindade o sentido de suas vidas pessoais, no entanto é interessante perceber que a exploração da religiosidade de uma sociedade não será mais apenas com praticas religiosas instituídas. A espiritualidade transborda o religioso, e ela pode se dar tanto através da meditação e contemplação como também se manifestar através de fenômenos de efervescência coletiva.

Martuccelli também pontua uma tendência interessante que mostra que a busca pela espiritualidade não se opõe ao desejo do homem de viver o hoje. Além disso, ele

também afirma que aqueles que encontram sentido de vida em uma forte participação religiosa vão dando um sentido cada vez mais individualizado para sua fé.

Desde a Grécia Antiga, passando pelo período Renascentista e Iluminista, a virtude republicana era uma exigência absoluta para um indivíduo. Um indivíduo que não participava da polis era alguém amputado do sentido primordial de sua existência. A cidadania era um horizonte de sentido coletivo que dava sentido as vidas individuais. O horizonte político se estruturou como o horizonte de maior sentido nos tempos modernos.

O sociólogo usa como exemplo as diversas figuras revolucionárias da América Latina, cujo ideal político mesclou-se com seus ideais de vida. Na sociedade pós-moderna, a militância política não aparece mais como foco único da vida pessoal. A criação da vida privada se deu justamente quando aparece uma forte tendência de valorizar as experiências pessoais cotidianas. O individualismo surge nesse momento e não deve ser visto como o egoísmo dos modernos, já que o termo apenas quer dizer que ao lado de suas obrigações com a república deve se legitimar um espaço de vida distinto e privado. A essência dos tempos modernos é a ideia de que é preciso existir uma esfera privada separada da vida religiosa e da vida política. Todos os sujeitos sociais modernos consideram isso legítimo. Isso é o individualismo moderno

Já o terceiro ponto apresentado por Martuccelli é o do indivíduo burguês, ou seja, a relação do sujeito social moderno com o trabalho. O trabalho, em diversos períodos da história dava sentido a vida das pessoas, como por exemplo, sobre a ótica do merecimento dividido dos protestantes. No entanto, hoje em dia se trabalha justamente para ganhar a vida fora do trabalho. Então, voltando ao que já foi falado anteriormente, vemos que a felicidade na vida privada é um preço que é pago pela possível infelicidade no ambiente de trabalho.

Além disso, a dignidade que o trabalho traz para o indivíduo faz dele alguém descente. Essa satisfação, bem como o amor de seus familiares e cônjuges em vista da posição alcançada pelo indivíduo através do trabalho, mostra novamente como o amor acaba se tornando o horizonte determinante na vida do homem pós-moderno. O trabalho deixa de ser o centro da vida dos indivíduos e inicia-se uma busca institucionalizada por um equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho.

A adição do amor a essas ideias produz algo interessante: a necessidade de hierarquizar esses sentidos. E nesse caso cada indivíduo terá uma ordem diferente. O amor se torna uma experiência encantada em um mundo desencantado e de incredulidade. No entanto, o sociólogo afirma ele diz que não é para todos que o amor dá sentido de vida.

Concluindo sua fala, ele diz que o crente, o cidadão e o burguês não desaparecem completamente com a adição do horizonte do amor, mas surge o amante como quarto grande horizonte de sentido individual. Quando as indústrias culturais se apropriam do amor, a ideia de que o amor individual pode facilmente se transformar em amor coletivo cai.

Após a exposição de Martuccelli, professora Vera da Silva Telles recebe a palavra e apresenta algumas opiniões conflitantes com a do sociólogo. De acordo com ela, o amor não é o ponto central que guia o homem moderno. Ela acredita que a hierarquização entre os diferentes tipos de horizontes propostos por Martuccelli nada mais é do que um processo natural decorrente das diferentes formas com que o homem pode experimentar o mundo ao seu redor. Ela também vai contra a opinião do primeiro palestrante ao criticar a colocação da indústria cultural como um agente capaz de moldar o homem pós-moderno. Ela acredita que essa visão é ultrapassada e clichê.

Por fim, Vera complementa a colocação feita anteriormente no seminário a respeito da busca do homem pela felicidade e pela aprovação de filhos e cônjuges mostrando o outro lado dessa situação, ou seja, a angústia que permeia o ator social na pós-modernidade e que aparece na forma de livros de autoajuda e da mídia em geral que sempre apresenta formas com que o homem pode alcançar seu desempenho máximo – o mito do sucesso, da performance – que traz a saúde e juventude eterna.

Professora Maria Alice, por sua vez, comenta que o amor, utilizado amplamente por Martuccelli para avançar com seus pensamentos, é uma estratégia do autor para conseguir exemplificar e destacar ainda mais a tensão no embate entre singularização e o público, ou comum. A estudiosa também faz um comentário interessante a respeito da questão do amor pelos filhos. Ela comenta que esse amor, por mais que leve o homem a desapegar de certos desejos, possui limitações, pois, como ela bem exemplifica, o amor pelo seu próprio filho, que poderíamos caracterizar como um amor

privado, não extrapola essa esfera, já que esse amor não se converte em um amor automático pelo filho dos outros, nos fazendo remeter a questão da individualidade.

Com base em tudo que foi discutido anteriormente, fica claro que a discussão sobre a relação do indivíduo com o espaço público é polêmica e permite uma gama vasta de pontos de vista, como podemos perceber no seminário analisado, em que os palestrantes possuíam crenças extremamente distintas com relação às hipóteses apresentadas.